

Modernidade, modernos e modernistas

Manoela Nascimento Souza

manoela-sz@hotmail.com

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: O presente artigo tem como objetivo de reflexão a era moderna e o modernismo no Brasil, mais especificamente o modernismo no estado de Santa Catarina. O movimento que levou o modernismo à Santa Catarina foi chamado de *Grupo Sul*. Este movimento envolveu escritores, poetas, pintores, alcançando o cinema e o teatro. A fonte documental que será usada aqui corresponde a três revistas *Sul: Revista de Círculo de Arte Moderna*, criadas pelo *Grupo Sul*, usando especificamente textos e poemas da escritora Eglê Malheiros, que perpetuou no *Grupo Sul* até o seu fim.

Palavras chave: Modernismo, *Grupo Sul*, Santa Catarina, Eglê Malheiros.

Abstract: The present article has as objective to reflect the modern era and modernism in Brazil, more specifically the modernism in the state of Santa Catarina. The movement that led the modernism in the Santa Catarina was called Group South. This movement involved writers, poets, painters, reaching the cinema and theater. The documental source that will be used here corresponds to three magazines South: Journal of the Circle of Modern Art, created by the Group South, using specifically texts and poems of novelist Eglê Malheiros, which perpetuated in Group South until your order.

Keywords: Modernism, Group South, Santa Catarina, Eglê Malheiros.

Introdução

*“Não sou poeta hoje
Embora esteja toda poesia”¹*

Para que possamos compreender o movimento modernista que levou à modernidade para Santa Catarina, devemos antes nos situar no tempo e no espaço, pois estes refletiam no pensamento das sociedades da época. O artigo desenvolvido aqui se divide em três capítulos que pretendem tornar compreensíveis os termos: Modernidade, Modernos e Modernistas. Uma compreensão não apenas conceitual, mas destes termos em relação ao mundo, ao Brasil

¹ Poema de Eglê Malheiros que se encontra na: *SUL Revista de Círculo de Arte Moderna*. Ano I – Florianópolis, Junho, 1957 – nº 29, na página 17.



e ao estado de Santa Catarina. A modernidade é aqui analisada a partir do âmbito artístico e cultural da época.

A Modernidade é compreendida a partir do final do século XIX e século XX. Momento de dúvida, racionalização e subjetivismo, onde o homem procura suas abstrações em suas próprias abstrações. Entretanto, é interessante pensar que o movimento do modernismo no Brasil não nos remete, pelo menos no seu início, ao pensamento de modernidade. Pois o Brasil procura suas “influências artísticas” na Europa.

O Modernismo no Brasil remete ao progresso como espelho a civilização Européia. Cerca de dez anos mais tarde o Brasil passa a valorizar a cultura popular. Porém por motivos políticos, mas não entraremos em discussões sobre os sistemas políticos. Deteremos-nos em refletir sobre o pensamento moderno brasileiro e catarinense no século XX.

Em Santa Catarina, o Modernismo começa anos mais tarde. O *Grupo Sul* foi um movimento artístico e literário que trouxe o pensamento Moderno para Santa Catarina. O Estado deu um grito, após anos de ilhamento² do país. *A Sul: Revista do Círculo de Arte Moderna*³, além de trazer novas culturas, também refletia sobre o Brasil da época, sobre os sentimentos dos artistas, como, Eglê Malheiros, que usa de seus poemas para transportar aos leitores os sentimentos que o Grupo Sul pretende despertar com sua revista.

Modernidade

Século XVIII, início da era moderna. Com o grande desenvolvimento das ciências, o homem tem a capacidade de transformar o ambiente mediante estruturas racionais. O surgimento do Telescópio (atribuído a Galileu Galilei) foi um dos principais acontecimentos da modernidade, pois possibilitou que o homem pudesse ver o mundo com outros olhos (de fora) e além de assumir sua pequenez em relação a ele, o entender através de si mesmo.

Século XX, como herança do século XIX, período de muita concentração, estudos e descobertas. A ciência influencia a filosofia. A verdade das coisas não pode mais ser procurada pelos homens apenas através de mitos e religiões, agora o homem é capaz de

2 Termo utilizado por Lina Leal Sabino, no artigo: *Sul: O modernismo em Santa Catarina*. Florianópolis, Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

3 Usadas aqui como fonte documental três revistas *Sul*: Revista nº7, 1949, Revista nº6 de 1949, e revista nº29 de 1957.



encontrar a verdade nas suas próprias abstrações. A dúvida⁴ proclamada pelo filósofo Descartes como princípio de todo pensar é o que permitiu que estes mitos e religiões fossem colocados sob suspeita. Assim, o homem duvida de todas as teorias já feitas, pensa e tem, através da dúvida, uma essência para tudo isso: a sua própria existência.

Esse subjetivismo do pensamento moderno reflete na arte. Como na música, por exemplo. É no período moderno e contemporâneo que o som de ruptura passa a ser mais bem interpretado, tanto que este passa a ser a sua marca central. A ruptura, que anteriormente, era compreendida como “diábolos”, pelas histórias faústicas, passa para “diacronia”, que é a marca central do mundo tonal⁵. Diacronia (dia = ruptura e cronía = tempo), ou seja, tempo que se rompe, que avança, tempo flecha. Incorporando a ideia de três movimentos: 1 – exposição do tema, 2 – tensão e 3 – síntese.

Mário de Andrade, num manuscrito da década de 20, nunca publicado por ele, percebeu com enorme acuidade o espantoso deslocamento do campo de produção da música que estava embutido nessa nova interferência do ruído, via timbres, sobre a economia do som. “Si na verdade a música nunca foi tão musical como agora, depois que abandonou a vacuidade cômoda do som abstrato e impôs como elemento primário de sua manifestação o timbre, é incontestável também que certas combinações de harmonias, certas concepções de escalas melódicas, a participação freqüente do ruído isolado ou em combinação com os timbres sonoros, faz com que, ao lado da música de agora, aparecem frequentissimamente manifestações que rompem todas as experiências, evolução e conceito estético que vieram se desenvolvendo e apurando por vinte e cinco séculos musicais.” Essa verdadeira mutação captada por Mário (embora não forme o campo em que se desenvolveu seu pensamento) lançaria, segundo ele mesmo, a música para um novo limiar de cruzamento contraditório entre o mais moderno e o mais primitivo.⁶

Ainda encontramos hoje concepções, não só antidodecafônicas, mas atitonais: bem examinadas as duas, elas são desenvolvimento de um mesmo pressuposto antimoderno que atravessa em surdina a história da modernidade.⁷

4Dúvida, logo “penso, logo existo” DESCARTES, *O discurso do método*. P.70, 2012.

5Mundo Tonal, é compreendido na passagem dos séculos XVI, XVII, XVIII, XIX e início do XX. José Miguel Wisnik, filósofo brasileiro, separa a história da música por mundos, onde o mundo tonal é o segundo mundo. O primeiro mundo é o Modal, onde a ruptura é inaceitável, período compreendido na era medieval, já o terceiro mundo, o Serial, é compreendido na contemporaneidade, momento de pulsação da música (eletrônicos). O livro desenvolve-se a partir destes mundos (Modal, Tonal e Serial), e a partir dos usos dos fenômenos sonoros (Som, ruído e silêncio).

6 WISNIK, José Miguel. *O Som e o sentido*. São Paulo: Companhia das Letras: Círculo do Livro, 1989, p. 41.

7 Idem. Nota nº30, p. 219.



Modernos: O Modernismo no Brasil

Modernismo é entendido como um movimento artístico e literário que teve início no começo do século XX. Escritores, autores, poetas, pintores, escultores, arquitetos, músicos, fizeram parte deste movimento. A maioria dos artistas brasileiros tinha acabado de voltar da Europa onde havia estudado em escolas de belas artes, esta influência erudita permeia o início do modernismo no Brasil. Vários estilos novos surgem, crescem e se consagram nesta época. É o tempo do novo, do moderno, em que todas as concepções antigas foram repensadas e tratadas como passadas. Abre se caminho para o progresso, que no Brasil era remetido à Europa. O início do Modernismo foi sob referência dos movimentos artísticos europeus.

Por volta de 1911, a época é de renovação, da cidade, dos costumes de vida, e do juízo de gosto artístico. O Estado supervaloriza e estimula o ensino erudito nas escolas, e a atualizar os Liceus de Artes e Ofícios dos Estados de Federação que se disseminavam pelo interior. Entretanto, há uma desvalorização do popular, como por exemplo, manifestações de música popular eram vistas com preconceito.

Já na década de 20, abre-se espaço para a valorização do nacional. Dinamização do ambiente musical, as fronteiras entre o erudito e o popular foram diminuindo, e suas expressões interpretadas cada vez mais. Passado o Segundo Império, segundo Mario de Andrade⁸ o período de maior brilho exterior da vida musical brasileira. Segundo José Geraldo Vinci de Moraes⁹, já o choro teria sido o estilo que mais colaborou para este tipo de relação e aproximação, transitando entre a música de caráter erudito e a de aspecto popular.

A Semana de arte moderna de 1922 ficou marcada no século XX, pois foi um acontecimento de renovação da linguagem artística. O movimento artístico brasileiro começa a tomar forma, força e reconhecimento. O movimento modernista no Brasil, finalmente se moderniza.

Modernistas: Grupo Sul, o Modernismo em Santa Catarina

Na angústia intensa

De exterior plácido

8 Informação retirada do artigo de SABINO, Lima Leal. *Grupo Sul: O modernismo em Santa Catarina*. Florianópolis, Fundação Catarinense de Cultura, 1981

9 Idem.



Dançaram flores
Brilharam sons
Enquanto as cigarras e as borboletas
Criaram a música
Do movimento
Da sensação de poder ser¹⁰

Santa Catarina no início do modernismo no Brasil, não participava do movimento da época, esteve ilhado do resto do país por alguns anos. O *Grupo Sul* traz o modernismo à Santa Catarina na década de 50. Na década de 20, é fundada a Academia Catarinense de Letras, que difundia na época, o Realismo e o Parnasianismo. Um pouco mais tarde, na década de 40, os mesmos que fundaram a acadêmica eram professores e representavam a postura clássica que foram moldados. Porém a nova geração de alunos queria saber mais.

A nova geração, formada por seus jovens alunos, e outros jovens, embrenha-se por suas próprias literaturas, descobre que existiu – e ainda existe – algo que não lhes foi ensinado. Descubrem Mario de Andrade, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira. Descubrem os valores estéticos do Modernismo e, com a audácia febril característica dos jovens, arvoram-se em seus intrépidos defensores¹¹.

Surge uma campanha em nome da arte moderna em Santa Catarina. Nomes como, Salim Miguel, Eglê Malheiros, Ody Fraga e Silva, Antonio Paladino, Aníbal Nunes Pires, Élio Ballstardt, Walmor Cardoso da Silva, Alchebaldo Cabral Neves, Claudio Bousfield Vieira, entre outros, juntos conhecidos como: *Grupo Sul*. Em 1948 lançaram a *Sul: Revista do Círculo de Arte Moderna*.

Com o decorrer do tempo, novos nomes vão se somando. Os catarinenses produzem muito e disseminam outras culturas. Podemos perceber, a partir do poema, *Dei um soco na janela da imaginação...* de Eglê Malheiros, como o estado se encontrava antes de dar o ‘soco da na janela da imaginação’. A poeta encontra nas suas próprias abstrações a essência de tudo, a sua própria existência.

¹⁰ Poema de Eglê Malheiros que se encontra na: *SUL Revista de Círculo de Arte Moderna*. Ano X – Florianópolis, Dezembro, 1949 – nº6, na página 15.

¹¹ SABINO, Lima Leal. *Grupo Sul: O modernismo em Santa Catarina*. Florianópolis, Fundação Catarinense de Cultura, 1981, p. 19, 20.



Esse caminho único que amarra, que prende
 Um só pensamento
 Aniquilação
 Fantasmas sempre os mesmos
 Gemidos que até enervam
 Num egoísmo que quer ser dedicação
 A música repetida das neurastenias
 A paisagem estreita da auto-contemplação
 Veio lentamente
 Através dos vidros
 A imagem doutras terras, o som doutro cantar
 O suor, o sangue, o sonho doutra gente
 A angústia de querer
 Um frêmito de vida,
 O calor, o palpitar do viver universal
 E senti sob os dedos o empecilho transparente
 Que é a proibição.
 Dei um soco na janela,
 Deixei que fosse confuso
 O panorama interior
 Veio o tango, veio a rumba
 Veio o capricho e a sonata
 Caimi, Beethoven, samba,
 Macumba da mente
 Em candomblés infernais.
 O choro de todos que choram
 Lavou o limo do Eu
 Cantei com os que cantavam
 Encontrei por que lutar
 Um pouco em tudo
 Nunca num porto só,
 Escancarei a imaginação
 Tentando ser compreensiva
 Procurando me dissolver
 Para me realizar.¹²

Sentimos a sede do novo, da modernização do pensamento, a necessidade de compreender através da essência do mundo, o seu próprio eu. A revista *Sul* publicou textos em todas as línguas, realizou exposições de arte moderna, encenou peças de George Bernar Shaw, Pirandello e Sartre, trocou informações com outras revistas literárias, correspondeu-se com

12 Poema de Eglê Malheiros que se localiza na: *SUL Revista de Círculo de Arte Moderna*. Ano II – Florianópolis, Fevereiro, 1949- nº7, na página 3.



artistas uruguaiois, argentinos, portugueses, angolanos, alemães, franceses, entre outros. Além de montar o primeiro clube de cinema de Florianópolis.

O cinema na década de 40 e 50 ganha som e cor. O *Grupo Sul* engaja-se no cinema e mantém relações intercambistas com cine-clubes de outros Estados. O resultado foi o primeiro longa do estado, realizado por Salim Miguel, cujo nome *O preço da Ilusão* em 1957, referido pelo próprio Salim como “O preço foi uma verdadeira ilusão”. Ocorreram problemas na realização do longa, como falhas, e ele não pode ser exibido comercialmente. Armando Silvio Carreirão levou sete anos fazendo cine-jornais para quitar o longa.

Nas artes plásticas a revista divulga obras de pintores locais, mas também pintores modernistas estrangeiros. No final do *Grupo Sul*, os artistas que restaram se unem e formam o GAPF, em 1958, Grupo de Artistas Plásticos de Florianópolis. Os quais realizam exposições no mesmo ano do GAPF.

Os escritores e poetas do Grupo, por insatisfação em publicações apenas em revistas, e a falta de editores, criam *Os Cadernos Sul* e *Edições Sul*. Onde puderam publicar tais cadernos, livros, com vias, feições e conteúdos modernistas. “De qualquer forma, um estilo que não revelasse aprimorada forma clássica e conteúdo firmado na clareza, na lógica e na linearidade viria a ferir os padrões estéticos-literários vigentes.”¹³. Começa o atrito entre artistas e professores. Separam-se de um lado os Novos (*Grupo Sul*) versus Velhos (Geração Academia). Não medem e não poupam palavras e argumentos para defender suas crenças.

Perguntamos nós: saberá alemão o Sr. Flores? E também grego? Será possível: pressuponhamos ser ele ignorante apenas em português e francês. Um dia apareceram-se inculcando como também sendo em alemão. E agora parece que também pretende ser em grego. Convenhamos que é demais: - Ignorante em quatro idiomas! (O Estado, 16/04/50)¹⁴.

Meses depois desta publicação, o jornal *O Estado*, cancela a página literária dos modernistas e passa esta mesma para Othon d’Eça¹⁵, que exclui a cultura modernista e sobrepõem a clássica. Após dez anos de *Grupo Sul*, ele se dissolve, o casal de artistas, Salim Miguel e Eglê Malheiros perpetuaram o Grupo do início ao fim, persistindo até o dia de hoje.

13 SABINO, Lima Leal. *Grupo Sul: O modernismo em Santa Catarina*. Florianópolis, Fundação Catarinense de Cultura, 1981, p.22.

14 Idem, p.23.

15 Othon de Gama Lobo d’Eça, advogado, jornalista e poeta catarinense de Desterro.



A revista dura trinta números, o último em 1958. O período de dez anos de revista, foi o mais longo da história nas Letras Catarinenses.

Como saldo de pesquisa, compreendemos que a era moderna no Brasil passou por diferentes estágios em diferentes estados. O *Grupo Sul* tirou a literatura, a poesia, as artes e o pensamento dos catarinenses do século passado, para emergirem com a linha modernista que o Brasil seguia no século XX. O Modernismo em Santa Catarina foi um movimento de modernização do estado, e não apenas um movimento de modernismo estético e literário.

Porque o artista e o intelectual sofrem um destino inelutável: ou se mantêm sempre jovens ou morrem, mumificam-se mesmo em vida. Para permanecerem atuantes precisam ser os eternos insatisfeitos: perder-se na auto-contemplação é perecer. [...] Esse impulso para o novo, esta constante revisão essa inquietação é que fazem com que o homem vença inclusive as mais refratárias injunções, e se realize¹⁶.

Referências

- ARENDDT, Hannah. *A condição Humana*. Rio de Janeiro, *Forense Universitária*, 1989.
- CAMARGOS, Márcia. *Entre a vanguarda e a tradição*. São Paulo: Alameda, 2011.
- DESCARTES, René. *O discurso do método*. Tradução de Paulo Neves – Porto Alegre: L&PM, 2012.
- FLORES, Maria Bernardete Ramos. *A casa do Baile: Estética e modernidade em Santa Catarina*. Florianópolis: Fundação Bortoux, 2006.
- MIGUEL, Salim. *O preço da ilusão*. 1957
- SABINO, Lima Leal. *Grupo Sul: O modernismo em Santa Catarina*. Florianópolis, Fundação Catarinense de Cultura, 1981.
- SUL Revista de Círculo de Arte Moderna*. Ano II – Florianópolis, Fevereiro, 1949- nº7
- SUL Revista de Círculo de Arte Moderna*. Ano X – Florianópolis, Dezembro, 1949 –nº6
- SUL Revista de Círculo de Arte Moderna*. Ano I – Florianópolis, Junho, 1957 – nº 29.

¹⁶ Texto de Eglê Malheiros que se encontra na: *SUL Revista de Círculo de Arte Moderna*. Ano I – Florianópolis, Junho, 1957 – nº 29, na página 1.



WISNIK, José Miguel. *O Som e o sentido*. São Paulo: Companhia das Letras: Círculo do Livro, 1989.

Recebido em 11 de junho de 2014

Aceito para a publicação em 23 de julho de 2014

